

# Organizando cacos: situação da poesia contemporânea a partir da antologia *Uma alegria estilhaçada*

## *Organizing shards: situation of Brazilian contemporary poetry through the anthology* *Uma alegria estilhaçada*

João Gabriel Mostazo Lopes  
Universidade Estadual de Campinas  
(UNICAMP) | Campinas | SP | BR  
j.mostazolopes@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0003-4552-9947>

**Resumo:** O ensaio procura estabelecer algumas linhas de força presentes na poesia brasileira contemporânea a partir da leitura da antologia *Uma alegria estilhaçada: Poesia brasileira 2008-2018*, organizada por Gustavo Silveira Ribeiro (2020). Para isso, o texto se divide em duas partes: na primeira, investigam-se os pressupostos apresentados pelo crítico como critérios de escolha e organização dos poemas e autores antologizados, buscando ver como tais critérios se inserem no atual debate sobre o problema da abordagem valorativa da obra literária; na segunda, sugerimos que os autores do conjunto apresentam três atitudes gerais distintas, cujos traços principais buscamos caracterizar. A essas três atitudes, chamamos de moderna, antipoética e contemporânea, cada uma representando modo distinto de articulação da relação entre verdade e linguagem.

**Palavras-chave:** poesia brasileira contemporânea; poesia moderna; antipoesia.

**Abstract:** The essay seeks to establish some lines of force present in contemporary Brazilian poetry from the reading of the anthology *Uma alegria estilhaçada: Poesia brasileira 2008-2018* (in free translation: *A shattered joy: Brazilian poetry between 2008-2018*), organized by Gustavo Silveira Ribeiro (2020). For this, the text is divided into two parts: the first investigates the arguments presented by the critic as criteria for choosing and organizing the anthologized poems and authors, seeking to see how such criteria are inserted in the current debate



on the problem of evaluating literary works; in the second half, we suggest that the authors of the anthology display three distinct general attitudes, whose main traits we seek to characterize. We call these three attitudes Modern, Anti-poetic and Contemporary, each representing a different way of articulating the relationship between truth and language.

**Keywords:** Brazilian contemporary poetry; modern poetry; antipoetry.

Na apresentação da antologia *Uma alegria estilhaçada: poesia brasileira 2008-2018* (2020), o organizador Gustavo Silveira Ribeiro sublinha o renovado papel da poesia nacional na segunda década do século, momento em que esta, “disseminada nos mais variados espaços”, ocupava “posto-chave dentre os discursos sociais contramajoritários do país” (Ribeiro, 2020, p. 10). A afirmação desperta curiosidade sobretudo porque contrasta com a voga da “perda de lugar” da poesia que marcou a recepção crítica nos anos 2000 (cf. Siscar, 2010), bem como se contrapõe aos critérios de representação social que passaram a dar o tom a partir, justamente, do período antologizado, e através dos quais parte da crítica se reconciliou com parte da produção poética. Há, nos pressupostos introdutórios elencados pela organização, decisão de constelar interesse histórico-político e qualidade estética na escolha de autores e poemas, sem – questão de princípio – abrir mão de um ou de outro, dado que

[...] se não transforma a própria política, o poema político é apenas reprodução pouco efetiva de discursos já antes (e às vezes sofrivelmente) formulados. O impulso participante, por mais justo ou nobre que seja, não garante, por si só, a viabilidade do texto poético; a denúncia da opressão e o agenciamento de vozes historicamente denegadas – por mais urgentes que sejam em todos os planos da vida social brasileira – também não (Ribeiro, 2020, p. 11).

O poema se concebe, assim, como “evento disruptivo da linguagem e do pensamento” (Ribeiro, 2020, p. 10), concepção “eventual”<sup>1</sup> que contrasta com a tendência recente de público, mercado editorial e autores de dar por suficiente, como poesia, certa noção vagamente social do trabalho com as palavras, que desvaloriza a ideia de valor na avaliação literária e, com ela, põe a perder o apreço pela singularidade da obra:

---

<sup>1</sup> Essa concepção “eventual” parece sugerir uma certa tendência badiouana na concepção que o crítico tem de poesia e arte em geral. A mesma editora Macondo que publicou a antologia publica a revista *Ouriço*, da qual Ribeiro é um dos editores, cujo primeiro número (2021) trazia uma tradução de Badiou de um ensaio até então inédito em português, “Poesia e comunismo”. Como a presença do filósofo francês é longe de ser hegemônica no meio acadêmico e cultural brasileiro – bastante pelo contrário, na verdade –, o parentesco, se estivermos certos em sugerir-lo, talvez diga algo sobre as fileiras entre as quais o crítico está se alinhando, e, sobretudo, quem se está alfinetando. Trata-se, de todo modo, de conjectura.

Diante de uma quantidade muito grande de material e de inúmeras demandas por visibilidade que passaram a circular, concomitantemente, na internet, a crítica tem às vezes preferido (e o autor dessas linhas se inclui no diagnóstico) a apresentação descritiva dos autores e das tendências em detrimento da leitura teoricamente orientada, a comparação ativa, a recusa e o enfrentamento árduo do texto poético em busca do estabelecimento (sempre problemático, é certo) do valor e de uma medida mínima em torno da qual se possa negociar com os diferentes projetos, os timbres distintos, as experiências mais ou menos singulares que vão aparecendo (Ribeiro, 2020, p. 13).

A novidade nada nova do critério de avaliação é quase extemporânea em face da velocidade com que se assimilaram, no mesmo período, noções como lugar de fala e representatividade, cuja importância o organizador reconhece, mas que sozinhas, como lembra, não garantem boa poesia. Essa disputa de critérios com a qual o livro abre é, com efeito, parte do cenário de desconcerto que ele próprio procura registrar; a antologia, que cobre o cenário poético nacional entre duas datas capitais da vida social do século – a crise de 2008 e as eleições de 2018 –, fotografa uma década em tudo vertiginosa, que não por acaso tem como epicentro as manifestações de junho de 2013, cujo sentido histórico, ainda por compreender, passa por considerar os efeitos retardados da crise de cinco anos antes, bem como pelo debate quanto às implicações que teve ou não no período que culminou no pleito de cinco anos depois. O título, nesse sentido, soa apropriado: o que havia de otimismo e esperança na década anterior, a antologia sugere que estaria agora estilhaçado – por ilusório ou derrotado, não vem ao caso –, e os fragmentos lançados por aquela quebra de expectativa abrupta que a nova década trazia, esses teriam o maior interesse poético. Vem desse estilhaçamento, também, a “guinada realista” (Ribeiro, 2020, p. 15) com que o crítico define a produção da década retratada – realismo no sentido de representar a realidade social e política dos sujeitos e do país, mas também de cair na real.

Há, com isso, uma exigência de que o poema seja poema, antes de tudo, o que para o crítico quer dizer: que siga resistindo, no sentido que empresta ao termo Alfredo Bosi – “ao contínuo ‘harmonioso’ pelo descontínuo gritante” e “ao descontínuo gritante pelo contínuo harmonioso” (Bosi, 1997, p. 146) –, resistindo, isso é, contra a hegemonia dos lugares comuns, perturbando “as velhas palavras, os hábitos mentais” e “os blocos sólidos de ideologia” (Ribeiro, 2020, p. 12), mesmo e sobretudo quando se trata das novas poéticas que se voltam contra o silenciamento das vozes historicamente oprimidas:

A viabilidade desses poemas decorre da sua impureza e do caráter híbrido de sua fatura, e não da autoridade vivencial de quem os escreve, ainda que a biografia seja um dado incontornável nessa operação. A própria exposição de vozes e corpos historicamente suprimidos pelo sexismo, pelo racismo, pelas interdições de classe, formação ou origem regional, um dos mais importantes horizontes do trabalho arqueológico que tem sido feito a partir da poesia, e não apenas no Brasil, só se faz possível pelo trabalho de deslocamento que os poemas, sua forma-força de interrupção e desgaste, produzem na repetição infernal do mesmo (as velhas palavras, os hábitos mentais, os blocos sólidos de ideologia que se movimentam imperceptíveis) que o senso comum, os discursos oficiais e as instituições e grupos de poder assimilam e reproduzem sem cessar (Ribeiro, 2020, p. 12).

Não deixa de ser notável que o esforço da crítica tenha que se concentrar quase exclusivamente na *defesa* do poema como objeto singular, produtor de sentidos novos e perturbador da ordem. Algo que até pouco tempo atrás era lugar comum, hoje passa por firmeza de princípio e corre mesmo o risco de idiosincrasia. Risco que o crítico conhece, e o qual busca inocular sobretudo através do uso de apartes, em geral entre parênteses ou hifens, cuja função é incorporar à argumentação uma série de tréguas com o campo com o qual se está estabelecendo interlocução crítica – o hoje hegemônico liberalismo progressista. Alguns exemplos: “em busca do estabelecimento (sempre problemático, é certo) do valor” (Ribeiro, 2020, p. 13); “a partir das assim chamadas (erroneamente) políticas identitárias” (p. 13); “a necessária clareza conceitual ou o rigor judicativo – por mais difícil ou precário que isso possa ser” (p. 16) etc. Assim, se firma um chão comum que não hesita mesmo em conceder terreno e reconhecer a pertinência de uma eventual objeção quanto ao caráter “problemático” dos seus próprios critérios. O gesto, espécie de armistício em meio à polêmica, lembra que somos todos aliados, embora entre a posição do crítico e aquela de outros organizadores e curadores, menos interessados no juízo estético das obras e mais em “dar voz e visibilidade a tudo (ou quase tudo) sem o dado discricionário da leitura crítica” (p. 16), haja mais diferenças do que semelhanças. Assim, “na contramão de certa tendência contemporânea” o que se pretende é, no limite, reafirmar que “a limitação do julgamento comparativo pode ser saudável”, já que deve-se reconhecer que “o número de trabalhos de interesse é limitado” e que “nem tudo o que está sendo publicado no país deve ser celebrado” (p. 16).

O argumento vai mais ou menos na seguinte direção: abrir mão do critério qualitativo na avaliação literária e acreditar que a inclusão geral e irrestrita de tudo garantirá uma literatura relevante tem como resultado, na verdade, o oposto do que se pretendia, já que o esvaziamento do juízo crítico faz com que o campo da cultura seja dominado por um *status quo* reforçado, o que – este é o x da questão – se dá mesmo e sobretudo se isso é feito “em nome de qualquer aspiração democrática ou inclusiva” (p. 17). A contundência da posição, se não passa despercebida, pode não ter todas as suas consequências extraídas, já que a passagem na qual estas se formulam é rápida e talvez propositalmente sutil; ainda assim, a meu ver, o ponto está todo na esperta articulação entre “aspiração democrática” e *status quo*. É esse, afinal, o nó ideológico que faz pano de fundo para os argumentos do crítico, bem como para a enumeração dos seus critérios de seleção poética.

Sugeri acima o paralelo com Badiou, o qual não me parece pouco relevante. No prefácio a *Logiques des mondes* (Badiou, 2006), o filósofo explica o conceito de “materialismo democrático”, expressão pela qual caracteriza a injunção ideológica do capitalismo contemporâneo, que é outro nome para pós-modernidade, cuja equação é “existência = indivíduo = corpo” (Badiou, 2006, p. 10), capturada na fórmula “não há senão corpos e linguagens”:

Hoje, a crença natural se concentra em um único enunciado: *não há senão corpos e linguagens*. Digamos que este enunciado é o axioma da convicção contemporânea, e proponhamos nomear essa convicção de *materialismo democrático*. [...] “Pós-moderno” é um dos nomes possíveis do materialismo democrático contemporâneo (Badiou, 2006, pp. 9–10, grifos do autor).<sup>2</sup>

<sup>2</sup> “*Aujourd'hui, la croyance naturelle se concentre en un seul énoncé, que voici: Il n'y a que des corps et des langages. Disons que cet énoncé est l'axiome de la conviction contemporaine, et proposons de nommer cette conviction le matérialisme démocratique. [...] “Post-moderne” est un des noms possibles du matérialisme démocratique contemporain*” – Tradução nossa.

Em oposição, Badiou propõe a sua própria fórmula: “não há senão corpos e linguagens – mas há verdades” (Badiou, 2006, p. 12).<sup>3</sup> Como se sabe, em Badiou, o poema, e a arte em geral, é um dos locais dessas verdades, posição que em tudo coincide com a de Ribeiro, para quem a poesia não se reduz ao democratismo da participação igualitária entre todos numa mesma arena cultural neutra, mas é, ao contrário, evento singularizador, e mesmo violento, que impõe um tipo de adesão muito mais *decisiva* do que *inclusiva* – o que, no vocabulário de Badiou, se diria como “fidelidade do sujeito ao evento de verdade”. A disputa se dá, no limite, entre uma concepção de poesia que a enxerga como discurso, e uma que a vê como acontecimento.

É claro que Badiou é francês, o que faz com que a sua equação de identidade entre “democracia” e “ocidente” (Badiou, 2006, p. 12) diga respeito a uma posição ela mesma interior à tradição ocidental, tradição cuja problematização é em tudo diferente daquela exigida do crítico na periferia do sistema, para o qual a inserção no ocidente sempre representou ambiguidade e dificuldade, já que ocidental é para nós algo que veio de fora, e já que, na América Latina, democracia não é um dado inexorável da realidade, mas é, antes, uma matéria em nada sólida que ameaça a toda hora se esvaír por entre os dedos. Isso é: aquilo que para Badiou – o materialismo democrático – é ideologia na medida em que organiza a vida real, da organização do sistema político à cultura, para nós é duas vezes ideológico: uma, pois informa o discurso progressista dominante – dos meios de comunicação às instituições culturais, dos programas sociais à publicidade inclusiva –, e duas, pois no limite não coincide inteiramente com a vida nem com a realidade social e política do país, que não é suficientemente materialista (no sentido de inclusão de corpos e linguagens dissidentes à ordem), nem inexoravelmente democrática. É isso que explica, possivelmente, a contundência menos enérgica com que o crítico brasileiro se contrapõe ao que, não obstante as suas diferenças, conta ainda com grau considerável de simpatia e mesmo impele à reincidente declaração de afinidade, como se vê nos apartes.<sup>4</sup> Daí, em todo caso, que as declarações de posição de Ribeiro soem como contracorrente, porque de fato o são, tanto pela sua inserção num debate cultural em geral ressaabiado dessas posições quanto pelos pressupostos filosóficos que as fundamentam.



Em *Uma alegria estilhaçada*, cada poeta aparece com uma seleção de dois poemas, aos quais se segue um brevíssimo comentário do organizador em que se elucidam as linhas de força principais de cada autor. A atenção dos comentários voltada quase inteiramente para a fatura poética e as técnicas de composição produz um rico panorama crítico dos modos de fazer poesia em prática hoje. Com o risco de sintetizar demais o que, na antologia, porque está estilhaçado, se oferece de maneira mais aberta ao leitor, identifico três atitudes gerais nos poetas antologizados.

<sup>3</sup> Para uma reflexão sintética sobre as consequências desse tema, ver Ruda, 2015.

<sup>4</sup> Não que a posição do filósofo seja simples ou fácil de se sustentar na França pós-moderna; Badiou não é, mesmo no seu país natal, um filósofo de aceitação ampla, se comparado aos seus contemporâneos de geração Deleuze, Derrida ou Foucault, em parte porque sua posição é, desde os anos 1980, de embate com as obras desses mesmos autores, os quais formam o núcleo filosófico duro de parte significativa do que se pensa à esquerda hoje no ocidente, e mesmo fora dele. Mas o arcabouço ideológico contra o qual a sua filosofia insurge goza de uma existência, por assim dizer, sem contradição, ao passo que no Brasil as coisas são mais complicadas.

Uma primeira atitude é de linhagem modernista, que busca a “retomada do ideal de comunicação e clareza que atravessou tantos momentos [...] da lírica de Bandeira, Drummond e Gullar, entre outros”, nos quais é decisivo o “desejo de nomeação”, “dizer a si, o real, o mundo das coisas informes com a maior precisão possível”, podendo usar “para isso versos de sabor tradicional (alongados, autônomos, de ritmo discreto, mas eficiente) e um repertório pleno de metáforas e jogos de imagens” (Ribeiro, 2020, p. 48); por outra, são poemas “sem hermetismos ou longa insistência na metatextualidade”, que mesmo em certos casos se fazem da “recusa à hiperconectividade e à aceleração do tempo que têm sido a regra dos dias que correm” (p. 89). De modos distintos, essa poesia de vigor moderno procura capturar o grande movimento do mundo, num esforço de imagem total do qual não se excluem, por outra parte – como não se excluía na tradição modernista –, a atenção à particularidade, o retrato preciso e a existência concreta do sujeito, os quais podem ensejar bons momentos de “estranhamento profundo” diante do mundo (p. 113). A filiação moderna aparece também, aqui e ali, na dicção “entre o coloquial e o severo” (p. 122); e mesmo quando é “pessoal e memorialística”, é uma poesia que se abre para o mundo, as guerras, os crimes e as catástrofes globais, estabelecendo o trânsito, tão moderno, “entre a casa e a rua, a existência privada e o espaço público” (p. 137):

[...]

Ainda nas piores horas, jamais pensamos:

é chegada o massacre.

E tampouco, otimistas, julgamos:

somos os sobreviventes da matança.

A tarde avança sem fraturas e se corvos

voam em torno do sol

é o cortejo de uma carcaça anônima

(Daniel Franco *in*. Ribeiro, org., 2020, p. 47).

Já estive tão certa de mim.

Hoje me levanto vertiginosa como uma fibra de trigo

como um girassol plantado ao acaso um catavento

o meu pensamento roda com o passar do tempo

em que ficamos sem nos ver.

[...]

(Júlia de Carvalho Hansen *in*. Ribeiro, org., 2020, p. 87).

[...]

No ar

gritos mudos

a noite branca da fumaça envolve tudo

alguém no bar da esquina

pensa em Hiroshima

nas vozes

horror e curiosidade acordaram a cidade

se misturando

dentro do inferno olhos clamam

por telefone

o ministro é informado

— O fogo os consome...

[...]

(Marcelo Ariel *in*. Ribeiro, org., 2020, p. 109).

Você tem muita consciência  
do seu corpo e de tudo que ele toca  
Eu volto a casa pensando  
nas coisas telúricas e em outras formas  
de te comer sem que te esgote

[...]

(Otávio Campos *in*. Ribeiro, org., 2020, p. 119).

[...]

abro o portão e me despeço devagar do  
bairro e o pico do grajaú amanhecendo  
quando viro a esquina o cheiro do café  
reescreve em mim a luz amarela e o dia  
comunica aos meus pelos um bom presságio

(Tatiana Pequeno *in*. Ribeiro, org., 2020, p. 134).

Outra atitude é antilírica, ou antipoética, daqueles em quem há “um pendor reflexivo” nos textos, mas “fundado em arraigado ceticismo”, e “para quem o pensamento abstrato e a conceitualização filosófica são questões decisivas para a fatura poética” (Ribeiro, 2020, p. 44); ou nos quais, “através de jogos lógicos da língua”, se “privilegie o desconcerto do mundo” e procure percebê-lo “sem idealizações, na sua inteireza e na sua crispação”, levando por sua vez o poema a se fazer como “uma volta sobre si” (p. 75). Mesmo quando em versos curtos e entrecortados, essa poética não faz da fragmentação sua matéria principal, tanto quanto se aproxima, ainda que erráticamente, de um núcleo definido que se procura capturar, o qual, no mais das vezes, é da ordem da ideia. À diferença da primeira atitude, contudo, há aqui constatação de dificuldade, bloqueio que interrompe a atividade de nomeação, com o qual se luta, ora vencendo-o, mais frequentemente reconhecendo-o como intransponível e fazendo disso matéria da reflexão, mas sempre às custas de se rifar a imediatidade entre palavra e vida, negatividade que é o seu assunto principal:

O que é  
fechado à mente  
o fundo comum  
a tudo  
o todo  
causa de si  
princípio da própria reprodução  
o inteiramente outro anteparo amorfo  
do trabalho  
e da forma metabolismo evolução  
o que de mais íntimo se rememora  
em ti

[...]

(Daniel Arelli *in*. Ribeiro, org., 2020, p. 41).

[...]  
Assim como não há nada  
de inculto de estéril  
de morto no universo  
nada de caos nada  
de confusão além  
da aparência mais  
ou menos assim  
como talvez num  
tanque a certa  
distância se veria  
o movimento confuso  
e turbulento por assim  
dizer dos peixes  
no tanque sem discernir  
os próprios peixes  
(Guilherme Gontijo Flores *in*. Ribeiro, org., 2020, p. 74).

Uma terceira atitude, certamente a dominante, que, com o pecado da redundância, eu chamaria de contemporânea, é marcada por descontinuidades, não-linearidade, fragmentação, multiplicidade e diversidade de formas, temas e tons; no limite, uma poética profundamente desconfiada de noções como coesão e unidade: uma poesia “de desvios, acidentes e pequenas alegrias”, marcada pelo “corte estudado do verso” e o “desejo de desenvolver formas minimais” (Ribeiro, 2020, p. 54); ou, por vezes, de “ver o mundo ao redor, ater-se aos seus mínimos detalhes [...] e depois ordená-lo com rigor e leveza, movendo-se entre contrários” (p. 24). O espaço entre fronteiras e a oscilação livre entre distintos modos de expressão, vocabulários e registros são preferíveis à identidade com uma forma ou tom unívocos, fazendo com que essa seja uma poética que diagonalmente atravessa diferenças: pode estar instalada na interseccionalidade do poético com o ensaístico, que “busca cruzar as fronteiras dos gêneros e dos saberes” e usa recursos do fragmento e da colagem (p. 100), ou na fronteira entre línguas (p. 117), bem como na “interface lúdica na qual se misturam autor e leitor” p. 65) ou a “pequena e a grande História”, que “se cruzam e se confundem” (p. 107), traçando frequentemente um panorama em que a contradição é o motor da poesia, na qual a exploração das formas se dá “de modo descontínuo, sem o que se possa identificar como um centro organizador”, marcada pela “ruptura da linguagem e do pensamento linear” (p. 39). Tal efeito de não-unidade e recusa do Todo pode se dar tanto verborragicamente quanto de maneira minimalista, que “prefere a elipse e o fragmento aos excessos discursivos” quando o poema incide, preciso, sobre “retalhos de afetos, histórias e cenas cujo significado não se revela de todo” (p. 84). Outras marcas do metamorfismo dessa poesia são o caráter “prolífico, avesso a qualquer tipo de estabilização e normatividade”, os poemas “próximos, às vezes, do aforismo e do ensaio”, e o autor que “refaz sistemática e continuamente a sua obra, variando, de livro para livro, a linguagem, os ritmos, as formas da sua poesia”, levando por vezes ao estilhaçamento da gramática normativa (p. 126), ou à incorporação fragmentária do “vocabulário hipermoderno, colhido na terminologia tecnológica das redes sociais e dos agenciamentos culturais do mundo atual” (p. 132). Sincretismo formal, linguístico e de experiência que também se apresenta como pulsão decolonial, na qual o “substrato não-Ocidental” forma um “amálgama de tradições e formas, verdadeiro caldeirão multicultural no qual se combinam e refazem elementos díspares” (p. 33).



[...]  
avanço com o bafo  
o ranço da boca  
baco  
palavras tabasco  
malabares arabesco

a chuva não alaga  
ruelas becos favelas  
da fala

[...]  
(Ederval Fernandes *in*. Ribeiro, org., 2020, p. 53).

[...]  
deixar que se manifestem  
as vozes  
que há muito vivem na garganta  
*falar*  
executar os movimentos leves  
e pesados dos braços  
que nadam, cavam, saltam  
caminhar quando caminhar  
dormir quando escurecer o dia  
comer quando tiver fome  
*estar*  
no lugar exato do corpo

[...]  
(Ana Estaregui *in*. Ribeiro, org., 2020, p. 22 – grifos da autora).

[...]  
como um flash  
amarelo  
a última cor do  
mundo de  
borges um  
instantâneo de  
Mali a longa túnica  
branca as 21  
cordas a vibração  
do seu apetrecho  
de felicidade

[...]  
(Júlia Studart *in*. Ribeiro, org., 2020, p. 99).

carta selenográfica aponta em mare imbrium noturno a guarda  
por enorco dragão (ou trono), assentada em provisões ou projeção  
de uma horda de ex-votas, avivada pela moração pelágica

[...]  
(Maíra Mendes Galvão *in*. Ribeiro, org., 2020, p. 115).

estou tentando encontrar um poema  
um rascunho de um poema que escrevi há alguns anos  
onde falo que queria dismantelar  
a literatura  
a pauladas e colocar ela  
os restos dela dismantelada  
num saco de plástico  
como se fosse um outro tipo de plasma  
[...]  
(Érica Zíngano *in*. Ribeiro, org., 2020, p. 61).

pela manhã  
em minha porta  
sobre o carpete de entrada  
no caderno *Mundo*  
do jornal  
[...]  
(Leila Danziger *in*. Ribeiro, org., 2020, p. 102).

um  
filho mergulha salta  
ao brilho à fundição das dimensões  
um filho flutua  
um ovo vingado a mil segredos  
um filho entoa o nome de um pai de um deus  
liquidifica no caldo filho a família mãe todos os fios  
um filho existe desde quando  
um filho de sangue dizem de sangue  
sangue do meu sangue  
não  
[...]  
(Carla Diacov *in*. Ribeiro, org., 2020, p. 35).

o rastro de uma moto  
é barulhento e triste

rifa-se um destino  
e não há nada a fazer  
[...]  
(Josoaldo Lima Rêgo *in*. Ribeiro, org., 2020, p. 83).

emissões pélvicas d luz  
1 corpo danifica-se p/ chegar a si msm  
o tempo danifica-se  
observa a ti msm discretamente  
= faz c/ qqr pessoa  
olha d esguelha  
qqr pessoa  
[...]  
(Reuben *in*. Ribeiro, org., 2020, p. 124).

[...]  
— a imagem que te vem  
é de um leviatã composto de destroços e vento  
que se move  
de um ponto a outro  
[...]  
(Rita Isadora Pessoa *in*. Ribeiro, org., 2020, p. 129).

[...]  
ó há terra para todos  
  
é de lá meu papagaio  
uê que espalha o mundo no lajedo  
tão grande, tão poderoso

que não pode vencê-lo a calma  
a violência de teu silêncio  
[...]  
(André Capilé *in*. Ribeiro, org., 2020, p. 27).

Claro que isso é um panorama geral da coisa, e que, de um lado, os poetas não se integram totalmente a essas categorias, e, mais significativamente, muitos dos poetas da antologia não exibem apenas uma dessas atitudes, ou mesmo não exibem propriamente nenhuma – é o caso de Ismar Tirelli Neto, cujos versos, de retórica e sintaxe muito próprias, às vezes desconcertantes, provocam, de acordo com Ribeiro, “descompasso” e “desajustamento” “em relação às expectativas do leitor de poesia mais ou menos bem informado sobre as tendências da época” (Ribeiro, 2020, p. 80), e cujas interrupções sintáticas e profusão de imagens não são propriamente fragmentadas, e dão sensação de aproximação progressiva com o objeto:

Quando no mundo metem-me um sexo é; um sexo *não*;  
vetor vazio; cilindro de papel; um idioma de papel;  
membro coalho aqui; para sustar a espécie; sexo de  
subtração; um sexo, não um arado  
[...]  
(Ismar Tirelli Neto *in*. Ribeiro, org., 2020, p. 79 – grifos do autor).

E de Julia de Souza, cuja dicção, no trecho abaixo, me parece perfeitamente equidistante das atitudes moderna e contemporânea: de um lado, retoma traços da subjetividade dos anos 1970, “com sua espontaneidade e graça calculada, sua ênfase subjetiva, com a mistura entre o registro da experiência e a notação leve de matiz metapoético”, e de outro da objetividade, “do esforço de concentração e busca de imanência” dos anos 1990. Na precisa formulação do comentário, cruzando os dois marcos temporais: “a encenação de si, necessariamente voltada para o espaço público, e a ênfase descritiva e plástica, de fundo realista e estritamente privado” (Ribeiro, 2020, p. 94).

[...]  
como de costume  
eu não tinha escutado  
as trovoadas à noite  
como de costume  
eu não tinha previsto  
o ponto de ebulição  
que as coisas atingem  
na abertura da noite  
[...]  
(Julia de Souza *in*. Ribeiro, org., 2020, p. 93).

Em que pesem as imprecisões produzidas por tomá-las assim no atacado – e sobretudo com a ressalva de que os trechos dos poemas que dei como exemplo não se esgotam no enquadramento sugerido –, as três atitudes que propus, moderna, antipoética e contemporânea, articulam, cada uma, um modo distinto de apreensão do real, os quais são, respectivamente: unidade, subtração e multiplicidade, ou, por outra, clareza, negatividade e contradição. Em cada uma, mais significativamente, se expressa uma maneira particular de lidar com um impasse decisivo para o presente histórico, o qual não sei formular senão desse modo um tanto patético: há algo que se pode chamar de verdade, ou tudo são discursos? Mais precisamente: qual a relação entre verdade e linguagem? Sei que o problema da verdade anda contando com o mais profundo descrédito, e só o fato de o enunciar já parece tirar do baú um vocabulário que desperta, na melhor das hipóteses, cansaço, e na pior irritação. Ademais, a ideia de verdade se presta, é justo dizer, aos mais terríveis enganos; isso posto, não me parece de modo algum que esse problema esteja resolvido, já que é exatamente essa noção que protagoniza, ainda que negativamente, o relativismo que a dá por vencida, e já que esse mesmo relativismo não parece ter a palavra final sobre como se dão os problemas sociais, políticos e subjetivos hoje, nem muito menos, como se vê na antologia, esgota a sua articulação.<sup>5</sup>

Na primeira atitude, que chamei de moderna, e que só com má vontade se pode chamar de regressiva ou passadista quando é na verdade a que produz alguns dos melhores poemas do conjunto, está no centro a recusa de lançar às favas a modernidade, e a convicção de que seria preciso insistir no que havia de libertador, aglutinador e mesmo subversivo na hoje tão vilipendiada ideia de totalidade. Uma totalidade, é bom que se diga, que não tem nada de totalitária, pois diz respeito à singularidade do momento poético, o qual convive bem com outras singularidades, de outros momentos. Isso é, não se trata de uma vontade de resolver tudo e descobrir a Verdade, mas de capturar *uma* verdade, aquela particular, daquele instante, fiando que o leitor reconhecerá no poema o que é da ordem do absoluto que ele próprio, leitor, também carrega consigo. Confiança total na poesia, como se vê, que nos instala no interior de algo como uma modernidade que, contra todas as chances, segue pulsando atualizada, como que lembrando que em meio ao caos e à fragmentação da vida social e subjetiva contemporânea algo de singular e absoluto permanece possível, e o qual – ponto chave – a poesia pode ainda nomear. Daí unidade e clareza: as verdades existem, e podem ser ditas.

<sup>5</sup> Em 1929, Paul Valéry anotava que a modernidade se caracterizava não mais por uma busca pelo verdadeiro, mas por uma “metafísica do fazer”, na qual o que vale é modificar o real (Valéry, 2022, p. 101). Hoje, aqueles que insistem na impertinência de buscar a verdade são muitas vezes os mesmos que insistem na inutilidade de se transformar o real.

Corre-se o risco, contudo, de certo requeijamento de formas já conhecidas, e a dicção pode por vezes soar pouco autêntica e mesmo descompassada com um tempo em que a própria dúvida sobre a possibilidade de nomear a vida não é mera ladainha de poetas, mas estrutura uma encruzilhada histórica que, se fica totalmente de fora da poesia, a aliena do seu presente.

Essa experiência de nomeação é o que já não goza da mesma certeza e prestígio na segunda atitude, que é antipoética no sentido, exatamente, da desconfiança quanto à possibilidade de expressão do real, ainda que o desejo por expressá-lo esteja ali. É subtrativa, pois algo de essencial permanentemente se recolhe, como que se afastando do sujeito, que o persegue com mais ou menos fé de que pode alcançá-lo, embora sempre com consciência de que não pode. É, pela mesma razão, marcada pela experiência de uma negatividade inexorável, um hiato entre palavra e coisa, sujeito e mundo, verbo e vida, e a sua força está em circundar esse vazio e, da sua superfície, extrair algo que se pode chamar de um insaciável aproximar-se da verdade, sem nunca a alcançar. Em outras palavras: a verdade existe, mas não pode ser dita, ou não inteiramente dita, dado que a incompletude é o horizonte final desse universo, e o plano que se habita é fractal, infinito e eternamente divisível.<sup>6</sup> Aqui o horizonte perigoso é o nihilismo pouco produtivo, o misticismo filosófico ou, por outra parte, o hermetismo e o apaixonamento do poema mais por si mesmo que pela experiência que se está cifrando.

A terceira atitude que busquei delinear é distinta das duas outras; da primeira, pois recusa a ideia de unidade e, com ela, a de nomeação unívoca, instalando-se na multiplicidade inconsistente da pós-modernidade e dali extraindo uma expressão que se marca, também, pelas muitas maneiras diferentes e simultâneas de se dizer uma coisa, outra, e sobretudo as fronteiras entre uma coisa e outra – algo como um cubismo linguístico, ou, talvez mais precisamente, um *action painting* tipo Pollock. E se distingue da segunda na medida em que, não aceitando inteiramente a aproximação com alvo definido de uma ideia que encapsule uma totalidade de experiência, ainda que em negativo, quando usa a reflexão, a proposição filosófica ou a fórmula, o faz como um entre outros discursos, submetido ao mesmo plano governado pela multiplicidade e pela contradição. Em suma: não existe nunca uma única verdade, mas sobre isso há muito o que dizer. Por ser a mais próxima da nossa experiência cotidiana contemporânea – diversidade, fragmentação, não-todo, contradição etc. – é a que corre mais risco de ser ideológica.

## Referências bibliográficas

BADIOU, Alain. *Logiques des mondes: L'être et l'événement 2*. Paris: Éditions du Seuil, 2006.

BOSI, Alfredo. "Poesia e resistência". In: *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1997.

RIBEIRO, Gustavo Silveira. (Org.). *Uma alegria estilizada: poesia brasileira 2008-2018*. Belo Horizonte: Escamandro/Macondo, 2020.

RUDA, Frank. *For Badiou: Idealism without Idealism*. Northwestern University Press, 2015.

---

<sup>6</sup> Procurei desenvolver esses temas com mais cuidado no trabalho *A grande comédia da antipoesia* (Edusp, no prelo), sobre a obra do poeta chileno Nicanor Parra.

SISCAR, Marcos. "As desilusões da crítica de poesia". *Teresa*, n. 10-11, p. 111-1202, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116853>. Acesso em: 1 ago. 2024.

VALÉRY, Paul. *Poiética* [Cadernos]. Trad. Roberto Zular e Fábio Roberto Lucas. São Paulo: Iluminuras, 2022.